

Negacionismo climático e as narrativas possíveis na comunicação científica

*Climate denialism and possible
narratives in scientific communication*

Ana Amélia Campos Toni

[ORCID: 0009-0004-4909-5378](https://orcid.org/0009-0004-4909-5378)

Resumo

Meu objetivo é discutir os diferentes tipos de negacionismo climático. Destaco a dificuldade em lidar com aqueles que negam completamente os fatos sobre as mudanças climáticas e aqueles que reconhecem o problema, mas querem ganhar tempo. Enfatizo a necessidade de uma narrativa convincente sobre a transição para fontes de energia renováveis e a transformação do modelo de desenvolvimento em nossa comunicação científica.

Palavras-chave: *Negacionismo climático. Transição energética. Desenvolvimento e comunicação científica.*

Abstract

In this presentation, I will discuss the different types of climate denial, highlighting the challenge of dealing with those who completely deny the facts and those who acknowledge the issue but seek to buy time. Additionally, I emphasize the need for a compelling narrative on transitioning to renewable energy sources and transforming the development model.

Keywords: *Climate denialism. Energy transition. Development and scientific communication.*

Gostaria de iniciar minha fala¹ dizendo que concordo com Mariana Belmont e Cláudio Angelo, que me precederam nesta mesa. Gostaria de abordar algumas questões sobre o negacionismo climático e como isso afeta ou não as atividades que estamos tentando realizar no governo.

Creio que o que está em disputa agora não são só os ativistas climáticos e ambientais. Nós precisamos dar conta de um problema complexo e universal, pois afetará a todos e todas: as mudanças do clima. A mudança do clima também tem muito a ver com a democracia e o negacionismo. O que nós vemos dos negacionistas, na área de direitos humanos, é que eles criaram a sua própria fantasia do que são os direitos humanos, e eles têm uma concepção própria do que é englobado nesse conceito, que, para eles, inclui pontos como: o direito de estar armado, o direito de falar e ser racista.

Para o tema de mudança do clima, os negacionistas não possuem respostas. Foi publicado recentemente um artigo negando as mudanças do clima, entretanto, infelizmente, os eventos climáticos são a realidade das pessoas. Nesse sentido, me parece que os negacionistas têm cada vez mais dificuldade em se comunicar com a população, mas os fatos estão cada vez mais evidentes para todos. Na área climática, os negacionistas não têm respostas para os fatos que estão acontecendo e não conseguem nem inventar uma narrativa, além de negar os acontecimentos.

Assim, esse é um tema que agrega pessoas de diferentes espectros políticos, como direita, centro-direita, esquerda, centro-esquerda, que não são negacionistas. Consequentemente, o debate climático tem um poder de aglutinação ainda que, obviamente, existam muitas diferenças entre essas pessoas.

A minha impressão é que os negacionistas terão cada vez menos condições de manter seus posicionamentos, porque os fatos estão ficando cada vez mais evidentes. Percebo, ainda, a existência de um segundo bloco de negacionismo: que reconhece que a mudança do clima existe, mas que cria uma narrativa que “nós temos tempo” e “a tecnologia vai fazer com que a gente chegue lá com tempo”. Costumo dizer que são os negacionistas que querem ganhar tempo e, ao fazê-lo, obviamente, colocam o planeta em risco. Considero que esses são ainda mais perigosos.

Essa questão de que temos tempo impulsiona energias renováveis, agricultura de baixo carbono, dentre outras políticas e iniciativas benéficas. Entretanto, também impulsiona iniciativas e tecnologias que deveriam ser paulatinamente menos empregadas, como o uso de combustíveis fósseis, bem como outras tecnologias que historicamente vêm contribuindo para as mudanças do clima. Então, são negacionistas que têm um “pé no acelerador” nos dois lados, pois perceberam que conseguem ampliar a capacidade de ter lucro tanto com energias renováveis, quanto com energias não-renováveis, não reduzindo o padrão de produção

¹Texto deste artigo é um registro da fala da autora durante a mesa “Comunicação em Meio Ambiente e Emergência Climática”

e consumo onde realmente é necessária a mudança. Meu intuito é reforçar que não adianta só pensar e investir nessa nova economia de energias renováveis — o que é fundamental, mas nós precisamos transformar a sociedade. Isto é, mudanças do clima requerem uma transformação muito mais profunda do modelo de desenvolvimento que tivemos nos últimos 300 anos. E não é fácil fazer essa transformação, pois, por muito tempo, acreditamos que tínhamos recursos naturais ilimitados, usufruindo da natureza com baixa racionalidade. Nós acreditamos que a economia podia ser linear e, agora, sabemos que ela precisa ser circular.

Nós também acreditávamos em uma agricultura extensiva, mas temos visto a necessidade de um modelo cada vez mais distributivo, mais orgânico. Então, quando falamos nessa mudança da sociedade, o que realmente queremos é alavancar não só uma economia de baixo carbono, mas também novos comportamentos, novas premissas e uma sociedade mais igualitária.

É essa sociedade igualitária que eu acho que, hoje em dia, está em disputa; na verdade ela sempre esteve. Mas o que está em disputa agora são os negacionistas, que falam do problema das mudanças do clima como simplesmente um problema tecnológico. Isto é, um conjunto de pessoas que defende que, se nós utilizarmos algumas tecnologias, podemos continuar do mesmo jeito com a mesma sociedade que temos hoje: desigual, onde uns têm mais e outros menos, e onde a economia funciona do mesmo jeito. Eu não me coloco neste grupo, pois acredito que precisamos transformar a sociedade e mudar o modelo de desenvolvimento.

O debate do negacionismo traz muitas dificuldades de comunicação, pois é muito difícil dizer às pessoas que elas precisam mudar seus padrões e relações enquanto sociedade. Esses valores de acúmulo, de ter cada vez mais, consumir cada vez mais e de fazer a economia girar o tempo todo estão enraizados. Os negacionistas vão continuar aí e caso sejam levados ao poder — como foi no nosso caso, na última gestão, ou nos Estados Unidos, ou mesmo em outros lugares — causam um problema imenso durante seu período de comando. No entanto, vejo que mesmo esses atores possuem cada vez mais dificuldade em explicar os fenômenos climáticos.

Então, nossa atuação é com esses negacionistas que acham que podemos resolver tudo apenas com mudanças tecnológicas, que embora necessárias e fundamentais, não são suficientes para resolver todos os problemas que estamos enfrentando e que ainda enfrentaremos. Afinal, são eles que, acredito, não nos deixam caminhar para a mudança e transformação profunda que precisamos, e entendo que o cerne desse debate está nos combustíveis fósseis. Nesse sentido, considero que temos duas grandes tarefas, ambas muito complicadas. A primeira é a narrativa da escolha da sociedade em não usar combustíveis fósseis, e a segunda é modificar nossa relação com a abertura de novas áreas.

Sobre combustíveis fósseis, o debate é difícil e não temos uma boa narrativa, porque todos nós, direta ou indiretamente, os consumimos — seja no plástico, seja na locomoção. Nós também somos consumidores, e quem produz combustíveis fósseis está falando exatamente isso. A questão parece ser que a decisão é do consumidor, não dos produtores de combustível fóssil. São os consumidores que devem fazer essa escolha, mas isso ainda não é factível. Nós, consumidores, e muitos outros na população, não temos condição de escolher de forma plena e integral. Essa é uma escolha que ainda não conseguimos fazer como sociedade, e não há dimensão suficiente para isso. Além disso, acho que as políticas públicas ainda são insuficientes nesse campo.

Os subsídios para combustíveis fósseis continuam, portanto, são criados atrativos para o seu uso. Mas acredito que a nossa grande batalha hoje em dia é: que narrativa temos para parar de usar combustíveis fósseis? Dizer simplesmente para a sociedade “vamos parar agora, imediatamente”, sabemos que não é viável.

Então, é apresentada uma segunda narrativa: “vamos fazer uma moratória”, “vamos colocar o preço lá em cima”, “não vamos explorar novos poços” etc. Assim, acabamos não tendo um consenso, ao contrário do que acontece, por exemplo, quando falamos desmatamento zero. Neste caso, entendo que a comunicação foi feita e vem se construindo há anos, e aqui no Brasil temos um grupo de organizações excelentes que trabalham com a questão florestal, além dos povos indígenas e dos povos da Amazônia que vêm abordando a questão há bastante tempo. Foram eles que trouxeram a narrativa, e agora nós temos um presidente que fala em desmatamento zero até 2030.

E para os combustíveis fósseis, qual é o “desmatamento zero até 2030” que queremos e que também seja viável para a sociedade abraçar? Acho que ainda não temos essa narrativa. Ao não tê-la, abrimos espaço para esse negacionista do tempo, que está apenas “comprando o tempo”, o que nos impede de avançar de forma efetiva no combate à mudança do clima. A alternativa de que “o consumidor é que vai decidir” parece-me muito falha.

Sobre a autora

Ana Amélia Campos Toni

Doutora em Ciências Políticas e Secretária Nacional do Clima (SMC/MMA)

E-mail: gab.smc@mma.gov.br